

Os Guató pelo olhar de Hercule Florence: historiografia e ensino de História Indígena¹

Marco José dos Santos Matos²
Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo: A aprovação da lei 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena no currículo da educação básica em todo país, colocando aos professores de história e gestores da educação o desafio de incorporar no processo educativo a diversidade étnica e cultural dos grupos indígenas. Entre os grupos excluídos da narrativa histórica ensinada nas escolas do estado de Mato Grosso, estão os Guató, um dos últimos povos de tradição canoieira do continente sul-americano. O objetivo deste artigo é analisar como as representações do povo indígena Guató na obra *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*, de autoria do artista e inventor francês Hercule Florence (1804-1879), podem constituir-se em fonte histórica e metodológica para o ensino de história indígena na educação básica. O artista registrou os Guató em textos e imagens na condição de segundo-desenhista da expedição Langsdorff, que percorreu a província de Mato Grosso entre os anos de 1826 e 1827.

Palavras-chave: Hercule Florence; ensino de História Indígena; Guató.

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado defendida em 2020 no Programa de Mestrado Profissional – ProfHistória da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a orientação da professora Dr^a Marli Auxiliadora de Almeida, na linha de pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar.

² Graduado em História pela Unemat. Mestre em Ensino de História pelo ProfHistória da Unemat, bolsista CNPq. Professor da rede estadual de ensino em Mato Grosso.

The Guató through the eyes of Hercule Florence: historiography and teaching of indigenous history

Abstract: The approval of law 11,645/2008 made the teaching of indigenous history and culture mandatory in the basic education curriculum throughout the country, posing the challenge to history teachers and education managers to incorporate the ethnic and cultural diversity of indigenous groups into the educational process. Among the groups excluded from the historical narrative taught in schools in the state of Mato Grosso are the Guató, one of the last peoples of canoeing tradition on the South American continent. The objective of this article is to analyze how the representations of the Guató indigenous people in the work *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 to 1829*, by the French artist and inventor Hercule Florence (1804-1879), can constitute a historical and methodological source for teaching indigenous history in basic education. The artist recorded the Guató in texts and images as the second draftsman of the Langsdorff expedition, which traveled through the province of Mato Grosso between 1826 and 1827.

Keywords: Hercule Florence; teaching indigenous history; Guató.

El Guató a través de los ojos de Hercule Florence: historiografía y enseñanza de la historia indígena

Resumen: La aprobación de la ley 11.645/2008 hizo obligatoria la enseñanza de la historia y cultura indígena en el currículo de la educación básica en todo el país, colocando a los profesores de historia y gestores educativos con el desafío de incorporar la diversidad étnica y cultural en el proceso educativo de los indígenas grupos. Entre los grupos excluidos de la narrativa histórica que se enseña en las escuelas del estado de Mato Grosso están los Guató, uno de los últimos pueblos de tradición canoa en el continente sudamericano. El objetivo de este artículo es analizar cómo las representaciones del pueblo indígena Guató en la obra *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*, del artista e inventor francés Hercule Florence (1804-1879), pueden constituir una fuente histórica y enfoque metodológico para la enseñanza de la historia indígena en la educación básica. El artista registró al Guató en textos e imágenes como segundo dibujante de la expedición Langsdorff, que recorrió la provincia de Mato Grosso entre 1826 y 1827.

Palabras clave: Hercule Florence; enseñanza de la historia indígena; Guató.

O presente artigo é resultado de pesquisa concluída no ano de 2020 junto ao Programa de Mestrado ProfHistória/Unemat, que teve como objetivo analisar a representação do povo indígena Guató nos registros produzidos pelo artista francês Hercule Florence (1804-1879) em sua obra *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829* [1875] (2007). O artista atuou como segundo desenhista da Expedição Langsdorff e registrou através de textos e imagens os Guató durante a passagem da expedição pelo Pantanal na primeira metade do século XIX. O manuscrito de Florence foi escrito originalmente em francês e traduzido para o português em 1875 por Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay. A obra foi publicada pela primeira vez no tomo 38 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e, durante várias décadas, constituiu-se no único registro sobre a expedição russa disponível no Brasil (TAUNAY, 2007). A edição analisada é uma publicação de 2007, em formato PDF que faz parte da Edição do Senado Federal - Vol. 93 com tradução de Visconde de Taunay e que está disponível para *download* gratuito no *site* do Senado Federal brasileiro.

Para analisar a narrativa escrita e as imagens produzidas por Florence sobre os Guató utilizamos o conceito de representação proposto pelo historiador francês Roger Chartier (1988: 17), que propõe aos historiadores culturais analisar as fontes históricas a partir de suas intencionalidades, pois enquanto produtos culturais estes documentos refletem as relações de poder presentes em seu contexto de autoria, preservação e difusão. Para o autor, as fontes históricas são produtos culturais que expressam as representações sociais presentes em seus processos de produção, preservação e apropriação, e só podem ser compreendidas a partir deste contexto.

As representações sociais são apreendidas e estruturadas a partir de uma série de discursos que constroem os significados das coisas no mundo social. Para Chartier (1988: 24), os processos de apropriação se inscrevem em nossas práticas sociais na medida que determinam a relação (pessoal e coletiva) que estabelecemos com os objetos culturais ou conteúdos do pensamento, podendo ser definida como o estudo dos “processos por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação”. A opção por analisar os Guató na obra de Florence a partir do conceito de representação de Chartier (1988) resultou do entendimento de que as narrativas sobre os povos indígenas elaboradas por agentes da colonização são carregadas de representações que atendiam os interesses imperialistas da expedição Langsdorff e do recém-criado Estado brasileiro.

O estudo se insere no subcampo interdisciplinar da História Indígena ou Nova História Indígena, que reflete as lutas do movimento indígena no Brasil iniciadas a partir da década de 1970, e desenvolveu-se no país a partir de 1992 com a publicação da obra *História dos índios no Brasil* (1992), da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha e tem se caracterizado pelo reconhecimento da historicidade dos povos indígenas e pela recuperação do protagonismo destes grupos no

processo de formação histórica e cultural do Brasil. A produção em História Indígena e seu ensino tem promovido no Brasil uma mudança de foco da análise da figura do colonizador para os povos indígenas, a partir de estudos que tem privilegiado o diálogo multidisciplinar entre a história e a antropologia com outras ciências (MONTEIRO, 2000: 223).

O ensino da história indígena na educação básica tornou-se obrigatório a partir da lei 11.645/2008, que determinou a inclusão de conteúdos relacionados a história e a cultura dos povos indígenas no currículo das escolas de educação básica em todo país. O processo de implementação da lei tem colocado aos professores de história inúmeros desafios em sua prática docente, que vão desde questões formais como ausência de fontes de leitura adequadas sobre a temática indígena até a superação do silenciamento imposto pela historiografia tradicional e pela tradição escolar de representar os indígenas de forma estereotipada e folclorizada no dia 19 de abril.

Neste sentido, o presente estudo propôs auxiliar no processo de implementação da lei 11.645/2008 através de um produto pedagógico no formato de um livro paradidático em formato PDF intitulado *Os Guató pelo olhar de Hercule Florence: Paradidático para o Ensino de História Indígena* (2020). A obra é composta de 60 páginas que apresenta a história e a cultura do povo Guató, o artista Hercule Florence, sua participação na expedição Langsdorff e apresenta uma proposta de ensino que utiliza as imagens e textos de Florence como fonte histórica para o ensino de história indígena na educação básica, composta por sugestões de leitura, atividades e recursos audiovisuais.

O povo Guató

Os Guató são um povo indígena de tradição canoieira que vivem na Bacia do Alto Paraguai no Pantanal Mato-Grossense, e tradicionalmente ocupava uma extensa área territorial, que compreendia as terras altas, lagos e lagoas no entorno dos rios Paraguai e São Lourenço. Atualmente os Guató encontram-se reduzidos a três núcleos populacionais, localizados nos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (ISA, 2020). O nome do povo pode ser encontrada com diferentes grafias, tais como: *Guataes, Guatás, Guathós, Guatos, Guatòs, Goatos, Guattos e Guatues* (OLIVEIRA, 1995: 16).

Os Guató se organizavam de forma patrilinear – descendência na linha de parentesco do pai – em famílias autônomas e independentes umas das outras que constroem relações de parentesco a partir de “laços de consanguinidade, afinidade e reciprocidade”. As famílias podiam ser monogâmicas ou poligâmicas e o número de esposas determinava o prestígio social, a produção doméstica e a rede de alianças (OLIVEIRA, 2003: 82). A língua Guató foi considerada isolada até a década de 1960, porém os estudos desenvolvidos a partir da década de 1970 a vincularam ao tronco linguístico Macro-Jê, tratando-se de uma família linguística composta de um único membro (OLIVEIRA, 2002: 268).

O povo Guató teve sua “extinção” decretada por órgãos oficiais e intelectuais ainda na primeira metade do século XX, ficando durante várias décadas completamente “invisíveis” para a sociedade nacional e sem nenhum tipo de atendimento oficial. Esta “invisibilidade” dos Guató teve início na década de 1950, quando foram declarados “extintos” pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Estes dados foram utilizados pelo antropólogo Darcy Ribeiro em sua obra *Os índios e a Civilização* (1970), resultando na inclusão do povo Guató em uma relação de

povos considerados extintos no país. Fora dos registros oficiais, os Guató passaram a ter a sua identidade indígena negada pela sociedade local, que os consideravam como “bugres” e sem direitos culturais e territoriais específicos.

A invisibilidade do povo Guató prevaleceu até o final da década de 1970, quando são identificados alguns remanescentes vivendo na periferia de Corumbá (MS). O processo de reconhecimento oficial dos Guató foi registrado pela linguista Adair Pimentel Palácio (1978), durante o desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado. Segundo a autora, o reconhecimento do povo Guató teve início em 1976, quando a irmã Ada Gambarotto, na época à frente da Equipe Indigenista Missionária Diocesana de Corumbá, identificou Josefina, uma indígena de 55 anos do povo Guató produzindo artesanato na periferia de Corumbá (MS). A partir da informação de que havia mais indígenas do povo vivendo em diferentes partes do Pantanal, foi organizada uma expedição fluvial que partiu de Corumbá no navio Potengy, em 24 em outubro de 1977, subindo o rio Paraguai: “A expedição era composta por um padre salesiano, um político local, um representante da FUNAI e dois indígenas, sendo um Cadiuéu e um Guató, Celso, filho de Josefina. Foram identificadas 42 famílias do povo Guató vivendo no Pantanal” (PALÁCIO, 1978: 5).

Atualmente a população Guató é composta de 470 indivíduos, sendo que deste total 175 vivem na ilha Ínsua (aldeia Uberaba), localizada no município de Corumbá (MS) e 195 vivem em Mato Grosso, distribuídos em dois núcleos populacionais. O primeiro núcleo está localizado entre os municípios de Poconé e Barrão de Melgaço, na terra indígena Baía dos Guató, que é composta pelas aldeias Aterrado do Bananal e Aterro São Benedito. O segundo núcleo fica próximo ao município de Cáceres, mas ainda faltam estudos para identificar a sua população e a extensão da área ocupada (ISA, 2019).

O povo Guató é considerado um dos povos mais registrados na documentação histórica produzida por diferentes agentes da colonização que percorreram o Pantanal Mato-Grossense ao longo do processo histórico. Porém, o primeiro registro etnográfico sobre os Guató foi produzido somente na primeira metade do século XIX pelo artista francês Hercule Florence durante sua participação na Expedição Langsdorff.

Hercule Florence e a Expedição Langsdorff

Antoine Hercule Romuald Florence foi um artista, escritor e inventor francês naturalizado brasileiro que nasceu em 1804 na cidade de Nice, localizada no litoral Mediterrâneo da França. Filho de Arnauld Florence, que atuou como cirurgião no exército de Napoleão e foi professor de desenho na Escola Central do Departamento dos Alpes Marítimos, e Augustine de Vynallis, uma camponesa nascida em uma família de artesãos, mestres de ofício e pintores estabelecida em Mônaco. Florence desenvolveu a sua paixão pelas artes com a família de sua mãe, onde viveu a partir dos 3 anos de idade, após a morte de seu pai. Florence registrou o povo Guató através de textos e imagens em sua obra *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829* [1875] (2007), produzida durante a sua participação como segundo-desenhista da Expedição Langsdorff.

O ingresso de Florence na expedição Langsdorff ocorreu em 1824, após a saída do artista Johan Moritz Rugendas (1802-1858), que deixou o empreendimento científico após desentendimentos com seu líder Georg von Langsdorff, que agia de forma autoritária com os artistas e demais membros (CCBB, 2012: 23). Florence tinha apenas 21 anos quando foi contratado pelo Consul da Rússia para

atuar como segundo-deseñista da expedição Langsdorff, onde atuou ao lado do artista Aimé-Adrien Taunay (1803-1828), contratado como primeiro deseñista da expedição russa (FERREIRA, 2014: 156).

A Expedição Langsdorff, foi uma das expedições científicas que estiveram no Brasil no século XIX, que percorreu entre os anos de 1825 e 1829, mais de 17 mil quilômetros por regiões que correspondem aos atuais estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Amazonas. A equipe da expedição era multidisciplinar, sendo composta por 39 integrantes, entre trabalhadores braçais, artistas e especialistas de diferentes áreas, como: zoólogos, botânicos, astrônomos, geógrafos, entre outros. O empreendimento científico foi organizado e liderado pelo médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff, que graças a sua experiência como cônsul da Rússia no Brasil entre 1813 até 1820, conseguiu junto ao czar Alexandre I os recursos necessários para a realização da Expedição, que contou ainda com a autorização e o apoio de D. Pedro I, na época a frente do governo imperial brasileiro.

A expedição Langsdorff alcançou a província de Mato Grosso no ano de 1826 através da região do Pantanal, e somente no dia 30 de janeiro 1827 chegaram ao porto de Cuiabá, transpondo o rio São Lourenço, que se liga ao rio Cuiabá. Os membros da expedição russa ficaram estabelecidos na capital Cuiabá entre janeiro de 1827 e março de 1828 e na chegada à capital de Mato Grosso os membros da expedição foram recebidos pelo Presidente da Província José Saturnino Costa Pereira. Durante a estadia em Cuiabá, os membros da expedição foram divididos em duas equipes para realizarem incursões pelo interior da província de Mato Grosso. O primeiro grupo era composto pelo astrônomo Rubzoff e Florence e o segundo composto pelo botânico Riedel e pelo artista Taunay (FERREIRA, 2014: 183). O final da expedição Langsdorff foi trágico e o reencontro da expedição Langsdorff foi marcado pela tristeza dos seus membros, que ainda abatidos pela malária lamentavam a morte de Taunay por afogamento no rio Guaporé e o quadro de saúde de seu líder Langsdorff, que perdera a memória definitivamente devido a doença (COSTA e DIENER, 1995: 28).

Os Guató pelo olhar de Florence

Os registros produzidos por Hercule Florence sobre o povo Guató foram publicados na obra *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829* [1875] (2007), elaborada para atender aos interesses do cientificismo colonialista russo e ao projeto político de construção do Estado brasileiro no século XIX. Florence produziu uma obra que era destinada ao público europeu que consumia os relatos de viagens a lugares exóticos presentes nas narrativas produzidas pelas expedições científicas. Portanto, a sua obra não deve ser compreendida como uma descrição da “realidade” vivida pelo povo Guató na primeira metade do século XIX, pois é repleta de representações sociais que refletem os interesses e objetivos do autor e da expedição Langsdorff.

Florence registrou os contatos com os Guató em 8 desenhos e em anotações feitas no seu diário de campo manuscrito originalmente em francês e traduzido para o português por Visconde de Taunay e publicado pela primeira vez em 1875. A sua obra possui grande relevância histórica e antropológica e apresenta uma narrativa repleta de representações sociais que apresenta o povo Guató de forma idealizada, pois a visão do autor os identificava como diferentes dos outros povos indígenas do Pantanal e com supostas similares com os europeus.

Os Guató estabeleceram contatos com Hercule Florence e os membros da expedição Langsdorff em dois momentos diferentes, sendo o primeiro na povoação de Dourados (MS) em 26 de dezembro de 1826 e o segundo em Vila Maria (atual Cáceres (MT) no dia 5 de setembro de 1827. O primeiro contato do povo foi registrado no dia 26 de dezembro de 1826 na povoação de Dourados (MS), onde os membros da expedição fizeram uma breve pausa na viagem em direção a Cuiabá. De acordo com o autor, os Guató chegaram em embarcações “com três palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprimento” tripuladas de famílias inteiras, compostas por homens, mulheres e crianças (FLORENCE, 2007: 103-4). Os Guató foram apresentados pelo autor a partir de supostas similaridades com o povo europeu.

Florence registrou o povo Guató a partir de características físicas, como beleza e força física e atribuiu características que os “aproximavam” dos europeus. Os Guató também foram comparados com outros povos indígenas da região, como os Guaná e os Guaicuru: “Se não chegam tanto ao tipo europeu como os guatós, não são, contudo, indiáticos puros a modo dos caiapós ou *chamacocos*, dos quais tive ocasião de ver alguns indivíduos” (FLORENCE, 2007: 101). Na visão do autor, as características apreciadas nos Guató seriam originadas na convivência com os europeus e os distinguiriam dos demais povos indígenas da região:

Tive notícia de que outrora os guatós de São Lourenço haviam morado com os brancos e se misturado com eles, voltando, porém, depois, por gosto pela vida primitiva, aos antigos hábitos. Talvez daí provenha a parecença com os europeus, sem que por isso tenham os cabelos e a cor sofrido alteração. (FLORENCE, 2007: 105)

Na descrição que Florence faz do corpo Guató, é possível perceber que homens e mulheres são descritos de forma distinta. Na descrição dos corpos masculinos é destacado aspectos como força física e aptidão ao trabalho e os corpos femininos são descritas a partir de atributos físicos como a beleza, conforme podemos observar no trecho a seguir:

São bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabelos corridos, o que os prende ao tronco indiático, porque no mais parecem tipo europeu. Vi um homem de porte alto, boa figura e nariz aquilino; outros contudo apresentavam o cunho característico da raça. No meio do queixo crescem-lhe uns fios de barba. A fisionomia das mulheres e crianças é interessante, quando moças, algumas são até bonitas. (FLORENCE, 2007: 105)

Florence registrou os Guató em oposição aos demais povos indígenas identificados como inimigos dos brasileiros, como os Guaikuru. Para o autor, os Guató representavam o ideal do “bom selvagem” e apresentavam supostas similaridades com o europeu.

Na imagem 1, onde vemos o retrato em preto e branco de um Guató de nome Tohé, é possível observar alguns aspectos da cultura material do povo, pois o jovem traz os longos cabelos amarrados na nuca e usa adornos de penas nas orelhas. Porém, apesar de apresentar os elementos da cultura material dos Guató, o jovem é representado com traços europeizados que o aproximam da imagem idealizada e romântica do “bom selvagem”. Segundo Pereira (2016: 131), o povo Guató foi representado por Florence de forma idealizada por conviverem de forma pacífica diante das regras impostas pelos colonizadores. Nas palavras da autora: “De todos os grupos contactados por Florence, os Guató são o que melhor traduz o ícone do selvagem idealizado, isto é, aquele semelhante ao tipo europeu, dócil no trato e atencioso com a família” (PEREIRA, 2016: 131).

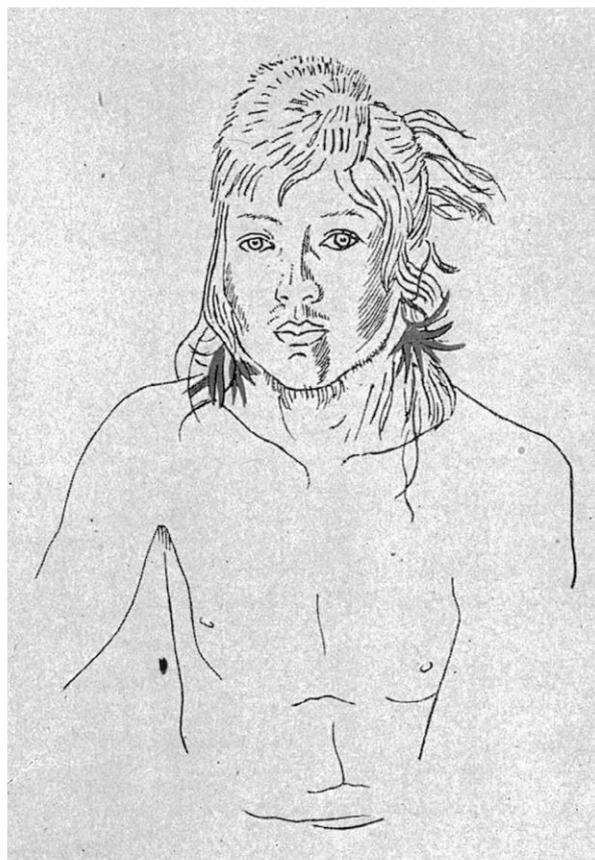


Imagem 1 - Guató, de nome Tohé. (FLORENCE, 2007: 115)

O olhar de Florence sobre o povo Guató foi influenciado pelos relatos de viagem produzidos pelas expedições científicas europeias e que faziam grande sucesso na Europa no século XIX. Estas expedições científicas aliavam interesses científicos e políticos e atuavam na produção de dados para o processo de colonização, como a identificação das potencialidades exploratórias de cada região, por isso buscavam reunir a maior número possível de informações sobre as terras visitadas, catalogando os espaços, os animais, as plantas e os grupos humanos contatados. Os membros das expedições científicas deveriam quantificar tudo que fosse encontrado, motivando Florence no desejo por apresentar dados populacionais precisos sobre o povo Guató. Porém, a demografia apresentada pelo autor é imprecisa, pois o total populacional do povo é estimado em pouco mais de “300 almas” (FLORENCE, 2007: 104).

Durante a viagem até Cuiabá os membros da expedição foram acompanhados por indígenas dos povos Guató e Guaná durante todo o percurso do rio Paraguai até a boca do rio São Lourenço. Nesta localidade todos montaram acampamento e descansaram por um dia e Florence menciona que os indígenas que acompanhavam a expedição construíram “ranchos com folhas de palmeiras, esteiras e peles” para se abrigar das chuvas. Possivelmente o autor se referia as moradias provisórias construídas pelos Guató durante o período das chuvas no Pantanal. Florence também registrou em desenhos o povo Guató utilizando as suas moradias provisórias durante o período das cheias dos rios da região, conforme podemos observar na imagem a seguir.



Imagem 2 – Índios guatós na confluência do rio São Lourenço. (FLORENCE, 2007: 117)

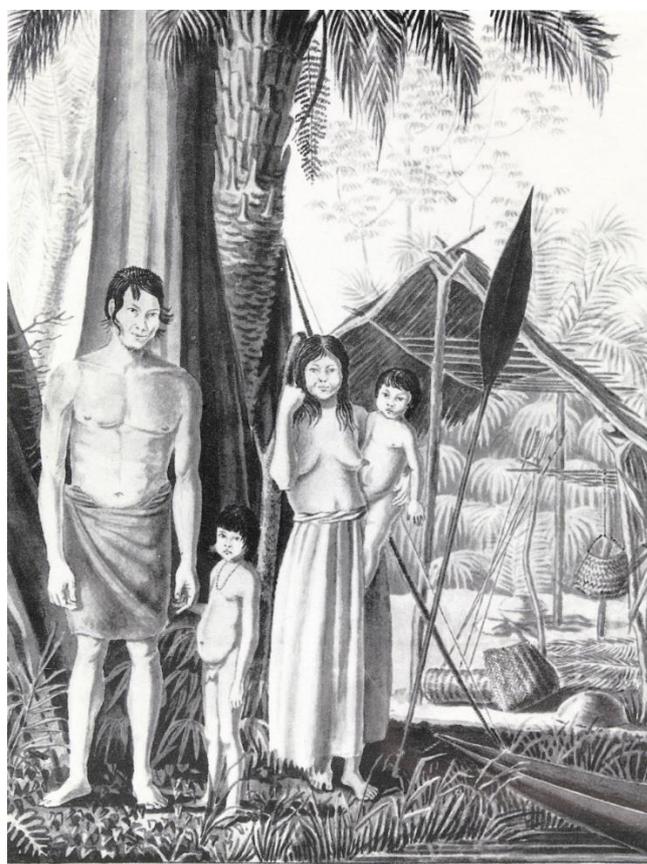
Na imagem 2, é possível observar um grupo de pessoas composto por duas mulheres que usam saias de algodão e brincos de pena vermelhas e duas crianças. Elas se encontram sentadas sobre uma esteira de fibra vegetal e sob uma estrutura de madeira que utiliza zinga e flechas para sustentar outra esteira de fibra vegetal que serve de proteção ao grupo. As pessoas registradas se encontram em um abrigo provisório localizado em algum aterro entre os rios São Lourenço e Paraguai e são representadas no centro da imagem, trazendo a sua volta alguns objetos cotidianos, como pote, cuia, flechas e esteiras. Ao fundo da imagem é possível observar em meio a paisagem alguns exemplares da palmeira acuri, espécie comum na região pantaneira.

No dia 1 de janeiro de 1827, a expedição seguiu viagem pelo rio São Lourenço, que, segundo o autor, apresentava em suas margens uma grande quantidade de “palhoças guatós” (FLORENCE, 2007: 106), que seriam as habitações ocupadas pelas famílias do povo. Nesta região, os Guató que acompanham a expedição desde Corumbá se dispersaram sem dar motivos, o que levou ao líder da expedição a convidar uma família que habitava a localidade denominada Alegre para guiá-los até o porto de Cuiabá:

O Sr. Consul propôs ao guató irem juntos até Cuiabá e num ápice a família, acedendo ao convite, embarcou-se, não deixando em terra senão a palhoça. Tudo coube na canoinha que não tinha mais que 18 polegadas de largo sobre 14 a 15 pés de comprido. Como todos de sua tribo, era este muito hábil em caçar e pescar, de modo que nos trouxe sempre farta de aves e peixes. (FLORENCE, 2007: 107)

Os Guató costumavam acompanhar os viajantes que atravessavam o seu território no Pantanal e prestavam serviço como guias, orientando o melhor percurso pelo emaranhado de rios, canais, lagos e lagoas que se formavam durante o período das cheias. Os Guató foram de grande importância para os membros da

expedição Langsdorff não apenas como guias, mas também fornecendo alimentos aos viajantes, conforme registrado por Florence. A família Guató que guiou a expedição Langsdorff foi registrada por Florence também através de um desenho, que revela importantes aspectos da cultura material e da organização social do povo, como na imagem abaixo.



FAMILLE DE NATION GUATO.

Imagem 3 - Família de guatós. (FLORENCE, 2007: 118)

A imagem 3 apresenta a família Guató mencionada pelo autor, composta por um homem, uma mulher e duas crianças. A família foi representada em frente à sua casa permanente, onde é possível observar em seu interior alguns itens da cultura material do povo Guató, como cestos e esteiras de palha. No primeiro plano da imagem é possível ver a ponta de uma canoa, que revela que suas habitações permanentes eram construídas próximas a uma fonte de água. A família foi registrada próximo ao morro do Caracará, na confluência do rio São Lourenço com o Paraguai, e assim foi descrita pelo autor:

O marido voltava da caça e trouxera um jacaré; a mulher era moça e de fisionomia agradável; dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro anos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raízes de cará e mandioca, uma canoa, arcos, flechas, esteiras, cestos, panelas, dois mosquiteiros e matapás. Um cão guardava a casa. (FLORENCE, 2007: 107)

A expedição Langsdorff alcançou o rio Cuiabá no dia 4 de janeiro de 1827, após atravessar um emaranhado de lagoas e campos inundados, onde a travessia só era possível cortando árvores e com a ajuda de guias com grande conhecimento sobre a região. Somente no dia 30 de janeiro de 1827 a expedição chegou ao porto de Cuiabá e logo o líder da expedição determinou que a família Guató que serviu como guia na viagem fosse presenteada com objetos de metal. O autor relata que logo após deixarem o porto de Cuiabá com os presentes recebidos, a família foi assassinada por um grupo de indígenas do povo Guaná, que jogaram os corpos no rio para serem devorados por piranhas (*Pygocentrus nattereri*).

O desfecho trágico da história é apresentado por Florence com a intenção de valorizar os aspectos morais do povo Guató, pois “o caráter de ambas as tribos ressaltará do fato” (FLORENCE, 2007: 106). O autor identificava os Guató como um grupo amigável e pacífico, que mantinha contato frequente com os brasileiros, com quem adquiriam itens considerados importantes para o povo, como: “facas, machados, zagaias e outras ferramentas” (FLORENCE, 2007: 107). Porém, o episódio revela que mesmo organizados em famílias autônomas e independentes os Guató se articulavam em torno de objetivos comuns, como a vingança pelo assassinato da família. Apesar dos Guató serem identificados como aliados dos brasileiros e considerados propensos a civilização, estavam longe de sujeitar-se à autoridade imposta pelos colonizadores.

O episódio demonstra ainda que os Guató desenvolveram um complexo processo de resistência e adaptação ao processo de colonização através da construção de alianças políticas que garantiram a sobrevivência física e cultural do povo. Porém, apesar da aliança política com os luso-brasileiros, os Guató não frequentavam as vilas e cidades da região, evitando o contato com os não-indígenas fora de seu território tradicional. Segundo Sposito (2014: 26), as alianças estabelecidas entre os povos indígenas e os agentes da colonização, mesmo que as alianças entre indígenas e colonizadores tenham sido estabelecidas dentro de uma estrutura de dominação, visavam defender os interesses dos próprios indígenas.

Os Guató se diferenciam de outros povos indígenas por não viverem aldeados, mas organizados em famílias independentes e autônomas umas das outras. Cada família possuía duas moradias diferentes que utilizavam de acordo com os ciclos de chuvas e estiagens na região. Esta estratégia de ocupação sazonal do Pantanal revela que o povo construiu um modo de vida estreitamente adaptado ao ambiente pantaneiro (OLIVEIRA, 1995: 122). A relação com o Pantanal é demonstrada no trecho onde Florence descreve as colheitas embarcadas do arroz selvagem nativo da região:

Nessas vastidões alagadas cresce em abundância o arroz selvagem, cuja altura há de exceder de sete a oito pés, pois só fora d`água tem dois a três, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os guatós, índios canoieiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num instante as enchem até as bordas. (FLORENCE, 2007: 88)

A relação do povo Guató com o Pantanal foi registrada por Florence durante sua passagem pela região de Dourados (MS) no dia 26 de dezembro de 1826 em uma descrição da grande habilidade do povo no manuseio de suas tradicionais canoas de madeira:

Em pé à proa os maridos remam; as mulheres sentadas à popa vêm governando por meio de uma pá; as crianças acocoram-se no meio sobre esteiras. As embarcações, com três palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprimento se tanto, levam sempre no bojo cães, arcos e flechas, para caçadas e pescarias. [...] Vivem quase sempre sobre a água, metidos em barquinhas que, como disse acima, têm dimensões diminutíssimas.

Quando toda a família está embarcada, a borda da canoa fica com dois dedos acima da água, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as flechas para físgarem peixes ou transpassarem pássaros. (FLORENCE, 2007: 103-4)

Na descrição que Florence faz sobre o uso das canoas, é possível observar que durante a primeira metade do século XIX o povo Guató produzia grande parte dos instrumentos necessários para a sobrevivência das famílias, como as tradicionais canoas de madeira, o arco e a flecha. Estes itens relacionados às atividades de caça e pesca apresentaram mudanças em sua produção após o contato com os europeus, pois muitos destes instrumentos incorporaram partes feitas do metal adquirido através do comércio com os luso-brasileiros. O autor registrou os Guató utilizando suas tradicionais embarcações no desenho a seguir.



Imagem 5 - *Guatós*, de Hercule Florence (2007: 114).

Na imagem 5, podemos observar um grupo de Guató guiando uma canoa de madeira por um rio do Pantanal, provavelmente o Paraguai ou o São Lourenço. O grupo é uma família composta por um homem que está em pé usando um remo na dianteira da canoa, a mulher sentada na traseira manaja uma vara de madeira chamada zinga, usada para guiar as embarcações. No centro da canoa estão duas crianças e um cachorro, que aparecem sentados entre os dois adultos. A canoa tripulada pela família Guató é representada na parte direita inferior da imagem, destacando a relação do povo com o ambiente pantaneiro.

A obra de Florence revela que os Guató promoviam os contatos com os não-indígenas se aproximando dos viajantes que percorriam os rios Paraguai e São Lourenço, conforme descrito pelo autor: “Estávamos então nos Dourados; abicamos, e daí a instantes chegaram umas canoas cheias de guatós” (FLORENCE,

2007: 103). Os Guató se aproximaram da expedição Langsdorff para oferecer serviço como guias e para atender alguma necessidade apresentada pelas famílias, portanto as trocas praticadas com os luso-brasileiros não podem ser observadas pela perspectiva do capitalismo comercial. De acordo com Carvalho Junior (2016: 71), o desenvolvimento de um comércio constante com os luso-brasileiros está longe de representar um processo de aculturação dos Guató, ao contrário, comercializar com os não-indígenas deve ter representado prestígio social diante dos não-indígenas e de outros povos indígenas do Pantanal. Florence registrou na imagem a utilização que os Guató faziam dos tecidos na imagem a seguir.

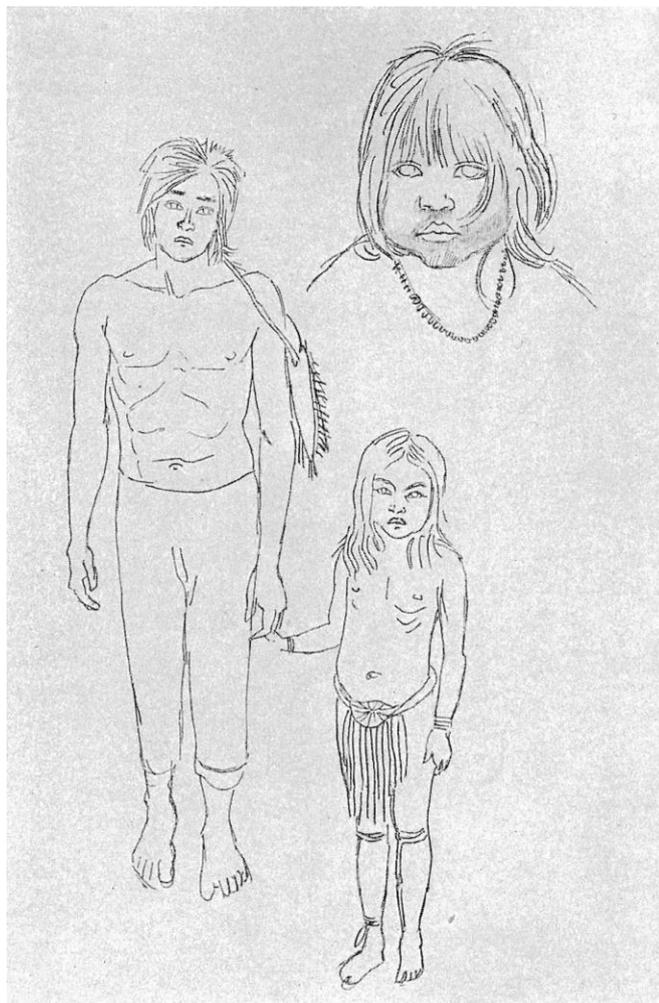


Imagem 6 – Guató de Passagem Velha, a 4 léguas de Vila (FLORENCE, 2007: 116).

Na imagem 6 é possível observar duas pessoas, sendo um homem adulto, que se apresenta usando uma calça de tecido, com o dorso nu e os pés descalços, e uma criança usando saio e adornos nos joelho e tornozelos, possivelmente confeccionados com as folhas da palmeira tucum (*Bactris glaucescens*) (RIBEIRO, 2008: 152). O homem traz um pescado amarrado nas costas e no canto direito superior da imagem, a mesma criança é representada com um colar de sementes.

A partir da imagem 6 é possível identificar que entre as estratégias de sobrevivência física e cultural desenvolvidas pelos Guató estava a apropriação de elementos da cultura material dos colonizadores. Os Guató podem ter identificado os tecidos adquiridos com os não-indígenas como um signo de poder diante dos

outros povos, indígenas e não-indígenas que percorriam seu território. Quando o homem se apresentava diante de Florence utilizando calças similares as usadas por ele, estava a demonstrar ao francês a sua capacidade de manusear elementos de outras culturas. Longe de apresentar um processo de “aculturação”, a imagem revela através da criança que se apresenta com as vestimentas tradicionais do povo a capacidade de resistência e adaptação dos Guató.

Durante o período que a expedição russa ficou estabelecida em Cuiabá foram realizadas incursões pelo interior da província de Mato Grosso. A equipe composta por Florence e Rubzoff se deslocou no dia 26 de agosto de 1827 em direção a Vila Maria, localizada na margem esquerda do rio Paraguai. Chegaram em Vila Maria apenas no dia 5 e permaneceram até o dia 14 de setembro do mesmo ano. O seu objetivo era visitar no dia 10 de setembro o monumento do Tratado de Madrid (1750) denominado “Marco do Jauru”.

O segundo contato do povo Guató com Florence ocorreu em uma localidade chamada *Passagem Velha*, em setembro de 1826, durante sua visita a Vila Maria (atual Cáceres/MT), localizada na margem esquerda do rio Paraguai. O novo contato foi registrado com entusiasmo pelo autor:

Alcançaram-nos umas canoas de guató. Tornei a ver esses índios com o prazer com que, ao frescos de uma bela tarde, avistam-se amigos de longa data. Nunca vira estes, pois são da grande baía Guaíva, que tem duas léguas de fundo, na confluência do Paraguai e do São Lourenço, mas embora, pertenciam a tribo dos guató, dentre todas a mais estimável. (FLORENCE, 2007: 183)

Assim como o primeiro, este contato também foi promovido pelos próprios Guató, que se aproximaram com suas canoas de madeira e foram recebidos como “amigos de longa data”. Em seu registro, Florence deixou evidente o seu encantamento pelos Guató, que considerou “dentro todas a mais estimável”. Porém, a sua narrativa revela que os relatos de viagem estiveram presentes na sua formação intelectual, pois enquanto o autor manifestava simpatia pelos Guató também demonstrava estranhamento a determinadas práticas atribuídas ao povo.

Florence demonstrou em relação aos Guató sentimentos contrastantes, como encantamento e estranhamento, pois apesar de ter identificado supostas familiaridades com os europeus, o povo foi representado a partir de uma perspectiva de exotismo que se destinava ao público europeu, que durante o século XIX conhecia o restante do mundo através dos relatos de viagem produzidos pelas expedições científicas europeias. Os membros destes empreendimentos científicos registraram os povos não-europeus de forma etnocêntrica e os apresentavam a partir de uma perspectiva de exotismo ao público europeu.

A mistura de sentimentos contrastantes com que Florence registrou os Guató refletem a sua experiência como membro da expedição Langsdorff durante a travessia da bacia do Alto Paraguai no Pantanal. A viagem pela região foi marcada pelo sofrimento causado pelo intenso calor e pelas nuvens de mosquitos que atacavam os viajantes e pelo deslumbramento de Florence pela paisagem da região. Diante do medo constante provocado pela possibilidade dos ataques do povo Guaikuru os Guató representaram uma segurança aos viajantes, por manterem contato frequente e serem considerados aliados dos brasileiros. Os canoeiros Guató representaram para Florence a única ajuda segura diante do desconhecido Pantanal, que durante as cheias se transformava em um verdadeiro labirinto composto pelo emaranhado de canais, campos e lagoas formados durante o perí-

odo das chuvas no Pantanal. Na confiança construída durante a viagem pela região o artista francês registrou os Guató com entusiasmo e admiração e representou o povo a partir de supostas familiaridades com europeus.

Considerações finais

Florence produziu uma obra com informações importantes sobre os Guató na primeira metade do século XIX, pois é reconhecida como o primeiro registro etnográfico sobre o povo. Porém, a sua obra é repleta de representações sociais sobre os povos indígenas, que foram representados a partir do referencial cultural do próprio autor. Segundo Chartier (1988), para compreendermos as representações sociais presentes nos documentos históricos é preciso restituir o seu contexto histórico e cultural de produção, preservação e difusão destas fontes. O conhecimento sobre a história de vida de Hercule Florence e sobre os processos presentes na construção de sua obra auxiliaram na compreensão das representações construídas pelo autor, que registrou os povos indígenas de forma maniqueísta e dicotômica, pois os povos indígenas da região foram representados a partir de sua relação com os colonizadores.

O povo Guató foi representado por Florence de forma idealizada e em oposição aos demais povos indígenas da região. O autor representou os Guató a partir da perspectiva romântica do “bom selvagem” e identificou supostas similaridades com o povo europeu. A preocupação do autor em quantificar e descrever as características físicas dos Guató revelam como o artista atuou em consonância com o processo de colonização através da produção de dados para expedição Langsdorff e para a estruturação do Estado brasileiro. O olhar de Florence sobre o povo Guató foi marcado pela perspectiva do exotismo que caracterizou os relatos das expedições científicas que faziam grande sucesso na Europa durante o século XIX. Apesar de terem sido registrados de forma amigável pelo autor, os Guató foram representados como corpos disponíveis para o processo de colonização que se intensificou no Pantanal após o fim da Guerra do Paraguai.

As representações sociais constroem as nossas práticas sociais e precisam ser analisadas para construirmos novas práticas sociais, baseadas no respeito as alteridades humanas e na valorização da diversidade étnica e cultural. Segundo Clovis Antonio Brighenti (2016: 232), é importante analisarmos as representações sociais construídas sobre os povos indígenas no século XIX, pois estas representações têm sido propagadas para atender aos interesses envolvidos no esbulho de suas terras e se caracterizam pela negação da historicidade destes grupos e pela perspectiva pessimista em relação ao futuro dos povos indígenas.

O estudo sobre a história e a cultura de um povo de tradição canoieira do Pantanal Mato-Grossense pode contribuir para a compreensão da diversidade cultural dos povos indígenas e da dinamicidade de suas culturas no tempo, além de contribuir para desconstruir uma representação arraigada entre a sociedade nacional da existência de culturas indígenas “puras” e de que as mesmas se encontram congeladas no tempo. Neste sentido, a história dos Guató nos revela uma sociedade em intenso contato com diferentes culturas, indígenas e não-indígenas, e que ao longo de seu histórico de adaptação ao ambiente pantaneiro estabeleceu uma complexa rede de relacionamentos com inúmeros grupos, por meio do estabelecimento de alianças e conflitos com outros povos indígenas da região, e no processo de resistência ao projeto colonizador empreendido pelas coroas de Espanha e Portugal a partir do século XVI. Longe de tratar-se de uma narrativa marcada por uma perspectiva histórica cristalizada que identifica os indígenas com

uma trajetória de perdas e derrotas, a história do povo Guató revela a grande capacidade de resistência em meio as disputas políticas e econômicas travadas em meio ao seu território tradicional e garantir a sobrevivência física e cultural de suas famílias.

Recebido em 3 de março de 2022.
Aprovado em 30 de abril de 2022.

Referências

- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRIGHENTI, Clóvis Antonio. “Colonialidade e decolonialidade no ensino de história e cultura indígena”. In: SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini. *Protagonismo indígena na história*. Chapecó: UFFS, 2016.
- CARVALHO JR., Almir Diniz de. “A construção dos índios pelo Ocidente e seus corpos indomados (Amazônia, séculos XVII e XVIII)”. In: SOUZA, Fábio Feltrin de e WITTMANN, Luisa Tombini. *Protagonismo indígena na história* (v. 4). Tubarão: Copiart/UFFS, 2016.
- CCBB - CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. *Expedição Langsdorff (catálogo de exposição)*. São Paulo/Brasília/Rio de Janeiro, 2010.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- COSTA, Maria de Fátima G. “O Brasil pelo olhar da Expedição Langsdorff. IN: COSTA, Maria de Fátima G.; DIENER, Pablo; STRAUSS, Dieter. *O Brasil de hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito cartográfico. *Revista do IEB*, 45: 21-36, 2007.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras/ SAPESP/SMC-SP, 1992.
- FERREIRA, Dirceu Franco. Narrando viagens e invenções. Hercule Florence: amigo das artes na periferia do capitalismo. *Anais do Museu Paulista*, 22 (2), 2014.
- FLORENCE, Hercule. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas 1825 a 1829*. Brasília: Edições Senado, 2007.

- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papirus, 1993.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino em História*. Campinas: Papirus, 2005.
- KOMISSAROV, Boris. *Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas*. Brasília: Edições Langsdorff, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MACHADO, Maria Fátima Roberto. *Relações coloniais e confrontos culturais: índios e portugueses em Mato Grosso no século XVIII*. UFMT/ANPOCS, 2002.
- MONTEIRO, John Manuel. “O desafio da história indígena no Brasil”. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 2000.
- MONTEIRO, John. *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. Tese (Livre docência em Etnologia, subárea História indígena e Indigenismo), Unicamp, 2001.
- OLIVEIRA, João Pacheco de; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Prefácio”. In: SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini. *Protagonismo indígena na história* (v. 4). Tubarão: Copiart/UFFS, 2016.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. “Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito”. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 2000.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. A religião dos Guató sob o olhar de viajantes e missionários: uma releitura de velhas fontes. In: *Anais do I Simpósio sobre Religiões, Religiosidades e Cultura*, Dourados-MS, 2003.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Acuri, a palmeira dos índios Guató: uma perspectiva arqueológica. *Notícias de Antropologia y Arqueología*, 2001.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Arqueologia Pantaneira: história e historiografia (1875-2000)*. Dourados: Ed.UFGD, 2008.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Da pré-história a história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. Tese (Doutorado em Arqueologia), PUCRS, Porto Alegre, 2002.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Guató: Argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Os Milenares* (Arqueologia como história dos povos indígenas do Pantanal, 2014).
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Povos indígenas: conheça a breve história do povo Guató (2016). *Campo Grande News* (Portal da Internet), 29 de maio de 2016.
- PALÁCIO, Adair Pimentel. Os Guató. Comunicação apresentada na *XI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia*, Recife, maio de 1978.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. *Etnografia e iconografia nos registros de Hercule Florence durante a expedição Langsdorff na província de Mato Grosso (1826 a 1829)*. Dourados: Ed. UFGD, 2016.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

RIBEIRO, Marilene da Silva. *Uma ilha na história de um povo canoeiro: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX)*. Dourados: UFMS, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Orientações Curriculares: Área de Ciências Humanas: Educação Básica*. Cuiabá: SEDUC-MT, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Orientativo 2013. Ciclos de Formação Humana*. Cuiabá: Mato Grosso, 2013.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. "A expedição do Cônsul Langsdorff ao interior do Brasil". In: FLORENCE, Hercule. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas 1825 a 1829*. Brasília: Edições Senado, 2007.